

Areias, 7,7,1907

Rangel:

Restaurado finalmente na calma, começo a pagar minhas dividas epistolares. Essas dividas decorrem do muito que corri. Se não, veja. Da Serra da Bocaina, em cujo sertão me internei com um bando de caçadores atrás duma suçuarana qua andava comendo novilhos numa invernada, só voltei para cá no começo das ferias forenses, com 12 leguas em lombo de cavalo em quatro dias, tostado do sol e do frio das altitudes, tatuado de espinhos_ mas vasio de gloria. Da onça só vi o rasto, na lama dum curral velho.

Chagado, acusei dois criminosos perante um juri de boca aberta e colarinhos sungados, arrumei a vida e, de novo no Beijaflor, trotei para Queluz, onde recebi tua carta. Fui le-la no trem.

Portei em Taubaté, e com o Eugenio de Azevedo fui de bicicleta ver um negocio na fazenda dos trapistas_ futura Abadia da Maristela, e retornamos com 30 quilometros marcados nos ciclometros.

Depois rumei para S. Paulo, onde matei as saudades da noiva, admirei o Salvini no *Oedipo-Rei* e nos *Espetros* de Ibsen, travei conhecimento com a Zazá de Leoncavallo, e enlevei-me na harmonia de movimentos duma Paqueta Montes no Moulin Rouge. A seguir, Santos. Dansei duas noites, visitei tres navios no cais, Belgrano, Aragon e Tennyson, contemplei a enorme carniça duma baleia encalhada na praia da Conceiçãozinha, consagrei um dia ao teu Guarujá, ganhei uma bolada no Casino e voltei à Pauliceia. Aproveitoni-me largamente de impressões da noiva, abasteci-me de pão do espirito (entre as novidades, *O Filho Prodigio* de Hall Caine, que anda na berra), dormi uma noite em Taubaté; e, reintegrado afinal no silencio da minha Areias, interrompo a leitura do Hall Caine_ estupendo!_ para te escrever uma bem comprida.

O teu Rodrigo! Com que estado d'alma de menino de escola em vespas dos premios anuais você espera a minha opinião, você a reclama, você a predispõe! Homem fraco e covarde, sem fé nem confiança! Que importa o meu parecer? Que importa o parecer de alguém? Quem tem talento e arte impõe-n'os ao mundo_ não pede licença. Você pede, e rebaixa-se, e usa truques. E manda uma carta propiciatoria elogiando (sob pretexto de criticar) dois detestaveis artigos meus e um bom (*Filosofias*), com a evidente esperança secreta de que eu pague na mesma moeda. E gaba-me, e elogia-me, como se moeda falsa pudesse ter algum valor...

Sempre desejei em você um critico brutal do que escrevo. Impossivel. Você dissimula o que de fato pensa a meu respeito e só diz as coisas favoraveis. E vem a velha acusação... "*teu partido de não me pôr a boca doce...*" Engano, Rangel. Nunca pensei em tal; sempre dei a você o meu pensamento nú e crú e sempre o farei. A tua derradeira

carta não me fará atenuar de um centesimo o que penso do Rodrigo. Vi nele tua autopsicologia, vi tua mulher, tua vida, o collegio de Zé Fernandes, os amigos (já que conheço através das cartas), e senti em algumas paginas a execravel influencia dos Goncourts_ esses execrabilissimos fazedores de arte pela arte que hoje ninguem mais atura. “Nalgumas paginas”_ note que restrinjo, porque na maioria você está puro sem mistura. E exatamente aí a novela melhora. Certos prosaismos a sujam (“Ribeirão Preto”, “500\$000”), certas ideias pouco finas (“apetite tão grande que só se *engulisse* o mundo”), certos conceitos estapafurdios (“... a voz humana, ultima metamorfose dos sons da Natureza, que *progrediram para peor...*”) Que quer dizer isto?

O estilo tem descaidas, cochilos_ pontos que não levo a debito, pois são as naturais imperfeições do borrão. Escoimado desses senões, que me parecem vícios, a novela vira uma boa novela, com o defeito aliás de ser coisa para publico muito restrito. A psicologia do Rodrigo é extremamente rara, e poucos a aceitarão. Acho tua arte subjetiva em excesso_ e a grande arte é objetiva (Shakespeare, Tolstoi, Zola, Balzac, Molière). Descreves um caso isolado, unico, quando a arte está no contrario, na universalização; o particularismo cabe á ciencia. Aquele Conselheiro do Eça: por que “pegou” mais que o Jacinto? Porque o Conselheiro tem uma universalidade de 20%_ e o Jacinto tem-na de 1 por 100.000. O teu Rodrigo é uma criatura que aparece uma em 1 milhão, e daí a restrição de publico que prevejo.

Para prova dei-o a ler a um amigo daqui, rapaz de bom senso artistico_ e ele achou-o confuso. Já a mim, que te conheço a fundo, a impressão pessoal foi muito diferente. Sei-te nas ultimas minucias, de modo que vejo ali, e entendo, coisas que para os outros não existem ou são “confusões”. Na parte, porém, onde narras o amor, o casamento, a vida a dois, o lento desnudar-se do carater de Rola, não ha nenhuma restrição a fazer_ empolgou-me. Em suma, se refundires a novela, aumentando-lhe a dose de drama, de movimento e de dôr, acho que poderás publica-la sem receio nenhum.

Bem sei (e por confissão tua) que os nefastos Goncourts te imbuiam da falsissima noção do “nenhum enredo”. Mas veja Kipling, Zola, Caine, Wells, Hugo, Balzac_ todos os “grandes lidos”. Quanto drama, quanto movimento em cada obra! O drama é tudo na arte, porque o drama é a biografia da Dôr e a Dôr é a mãe da Arte. Inda ontem, relendo Esquilo, vi que sua grandeza repousa na grandeza das dores que pinta. Os Atridas, Prometeu, Orestes, Eletra, Atossa, Cassandra_ dôr, só dôr, na desesperada luta contra a Fatalidade. *A arte nasce da dôr, como a perola*. Sabe que a perola é o produto duma doença da ostra? Onde ha doença ha dôr_ logo a perola vem da dôr.

A minha colocação entre os teus 40 não me adoça a boca, nem me leva a pôr você em outro lugar que não o em que sempre te pus. És um dos poucos em que tenho fé_ pela

tenacidade e amor ao trabalho. Vivo repetindo isto para todos. Mas por enquanto não és ainda_ estás sendo_ vais sendo_ caminhas para lá_ não houve ainda nenhuma parada, a progressão é continua. Estás na Barra do Piraí. O Rio não fica muito longe_ mas ainda está longe.

Você, entretanto, se perderá, como o Ricardo se perdeu, no dia em que (seduzido pelos cantos de sereia da amizade) se julgar chegado. Um homem evolue indefinidamente, e se se julga chegado ao maximo é que parou de progredir, virou Coelho Neto.

Mande-me os contos. Não segue o *Ateneu* porque está em Taubaté. O *Filho Prodigio* irá logo_ assombroso! Mande algo para o "Minarete". O Beija está reclamando. Um diario de S. Paulo republicou o meu *O Pito do Reverendo*, uma das coisas tolas que tenho escrito, mas muito gostada por aí afora_ e inçou-o de erros tipograficos. Como doi o erro tipografico!

LOBATO